
Orquestra de Câmara de Moscou

20/03 (Série Branca) - 21/03 (Série Azul)

Quarteto de Cordas Vanbrugh

16/05 (Série Branca) - 17/05 (Série Azul)

Pinchas Zukerman and Friends

15/06 (Série Branca) - 16/06 (Série Azul)

Nelson Freire

26/06 (Série Branca) - 28/06 (Série Azul)

La Grande Ecurie et la Chambre du Roy

Vladimir Viardo

12/09 (Série Branca) - 14/09 (Série Azul)

Orquestra Simfônica de "Norddeutschen Rundfunks" de Hamburgo

18/09 (Série Branca) - 19/09 (Série Azul)

Orquestra Simfônica do Estado da URSS

10/10 (Série Branca) - 11/10 (Série Azul)

A Hoechst também afina instrumentos.

Pioneira mundial na implantação da indústria química no século passado, a Hoechst está hoje na liderança de seu setor, presente em campos que vão dos medicamentos às comunicações, do têxtil à agricultura e à alimentação, dos transportes à engenharia espacial. Isso aconteceu através de altos investimentos em pesquisas e recursos humanos – a tal ponto que a Hoechst é uma das raras empresas que podem se orgulhar de ter tido três detentores do Prêmio Nobel entre seus colaboradores. Foi assim que se chegou a Hoechst High Chem, a tecnologia de ponta da Hoechst, que consiste em encontrar soluções para desafios do futuro, afinando cada vez mais os instrumentos da ciência e de sua aplicação a serviço do bem-estar dos indivíduos e das comunidades.

Hoechst. Química a serviço da vida.

Hoechst High Chem
O nome da tecnologia de ponta.

Hoechst 

Orquestra Sinfônica de
**“NORDDEUTSCHEN
RUNDFUNKS”**
De Hamburgo

Regente:
KRZYSZTOF PENDERECKI

Patrocínio
 **VOTORANTIM**

Promoção
 **ELDORADO FM 92.9**

N D R — HAMBURGO — ORQUESTRA DA RÁDIO DO NORTE DA ALEMANHA
REGENTE: KRZYSZTOF PENDERECKI

No verão de 1945, imediatamente após a capitulação da Alemanha, Rádio Hamburgo, então emissora do governo militar britânico, tomou a decisão de criar sua própria orquestra. Oficiais responsáveis pelo departamento de música convidaram o maestro Hans Schmidt-Isserstedt para formar uma sinfônica. Percorrendo os campos de prisioneiros, este diretor conseguiu reunir os melhores músicos das grandes orquestras extintas nos últimos anos de guerra, e formar assim sua "orquestra de sonho". O concerto inaugural foi realizado dia 1.º de novembro de 1945 no Musikhalle de Hamburgo. Em 1949 realizou sua primeira tournée na Alemanha.

Seu reconhecimento nacional e internacional cresceu rapidamente e entre 1950 e 1953 visitou a Inglaterra e a França, sendo a primeira sinfônica alemã a se apresentar em Paris após a guerra. Logo a seguir tocou na União Soviética e nos Estados Unidos. Desde então tem sido requisitada pelas mais importantes salas de concerto do mundo, apresentando-se sob a regência dos grandes chefes: Cláudio Abado, Karajan, Boulez, Boehm, Solti, para citar apenas uns poucos.

A tradição instituída por Schmidt-Isserstedt prosseguiu com seus sucessores: Moshe Atzmon de 1972 a 1979, Klaus Tennstedt de 1979 a 1982, Gunter Wand a partir de 1982.

O repertório da orquestra é extremamente rico, o mesmo podendo-se dizer de sua discografia. Além dos clássicos e românticos, pelos quais recebeu inúmeros prêmios, gravou igualmente obras de Schoenberg, Stockhausen, Bruno Maderna, Sylvano Bussotti, etc.

Para a tournée sul-americana, a Direção da Orquestra convidou o notável compositor e regente KRZYSZTOF PENDERECKI para estar à sua frente.



N D R — HAMBURGO — ORQUESTRA DA RÁDIO DO NORTE DA ALEMANHA
REGENTE: KRZYSZTOF PENDERECKI

Primeiros violinos	— Roland Greutter — Wolfgang Bartels — Gabriella Gyorbiri — Marietta Kratz — Lawrence Braunstein — Klaus-Dieter Hansen — Karl Henke — Heinrich Hörlein — Uwe Hoffmann — Paul Thiessen — Christo Draganov — Dagmar Ferle — Sophie Paul — Ingrid Göttl — Radboud Domens — Katrin Scheitzbach — Klaus Dau	Contrabaixos	— Willi Beyer — Helmut Krampe — Georg Nothdorf — Jorg Linowitzki — Gunter Schmidt — Karl-Helmut v. Ahn — Peter Schmidt — Eckhardt Hemkemeier
		Flautas	— Matthias Perl — Hans-Udo Heinzmann — Bernd Osten — Hans-Jurgen Pincus
		Oboés	— Paul v.d. Merwe — Malte Lammers — Bjorn Vestre
Segundos violinos	— Eckhard Dose — Rainer Christiansen — Rodrigo Reichel — Helmut Rein — Rudolf Keller — Hans-Georg Deneke — Horea Crisan — Werner Roth — Regine Borchert — Dr. Ludolf Klemeyer — Hans-Christoph Sauer — Stefan Pintev — Theresa Krayer — Stefan Deshkovchev	Clarinetas	— Nothart Muller — Bernhard Reyelts — Walter Hermann — Renate Rusche
		Fagotes	— Alfred Franke — Bjorn Groth — Frank Lehmann
		Trompas	— Ab Koster — Volker Schmitz — Knut Hasselmann — Christoph Kohler — Jurgen Bertelmann
Violas	— Marius Nichiteanu — Jacob Zeijl — Klaus-Dieter Bachmann — Klaus-Dieter Dassow — Rainer Castillon — Rudolf Wandelt — Roswita Kraa — Rainer Lechtenbrink — Thomas Oepen — Ion-Petre Teodorescu — Susanne Kellermann — Karl-Heinz Weishaupt	Trompetes	— Wilhelm Staller — Ingus Schmidt — Bernhard Laubin
		Trombones	— Waldemar Erbe — Josef Kokott — Friedhelm Huter — Joachim Preu
		Tuba	— Karl-Heinz Blöckner
		Tímpanos	— Rainer Seegers
Violoncelos	— Bernard Gmelin — Dieter Goltl — Yuri-Charlotte Bertelmann — Andreas Bleyer — Michael Katzenmaier — Thomas Koch — Christof Groth — Thomas Grossenbacher — Sven Forsberg — Rainer Dehrwisch	Percussão	— Holger Garbs — Wassilios Papadopoulos
		Inspetor	— Werner Lehnert
		Arquivistas	— Hans-Joachim Silz — Martin Krockel — Barnabas Sebesteny

KRZYSZTOF PENDERECKI - Regente



Nasceu em 1933 em Debica na Polônia. Fez seus estudos na Academia de Música de Cracovia com Malawski e Stanislaw Wiechowicz e logo se identificou com o novo ambiente "liberal" predominante na cultura polaca depois de 1956. Em 1959, Penderecki obteve os três prêmios do Concurso Musical da "União dos Compositores Polacos" com sua obra "Estrofes" que foi tocada pela primeira vez no outono do mesmo ano no Festival de Cracovia.

Hoje é considerado como o mais importante representante da jovem geração de músicos polacos; sua carreira de regente, inicialmente limitada a suas próprias obras, foi crescendo gradativamente incorporando pouco a pouco toda a literatura orquestral, frente às mais importantes orquestras pelo mundo todo.

Em 1966, a estréia na catedral de Münster de sua "Paixão segundo São João", composta por encomenda da "Westdeutsche Rundfunk" se transformou num acontecimento musical de rara importância.

Entre suas obras principais, podemos citar: "Emanações" e "Estrofes" (1959); "Elegia" "Anaklasis" "Dimensões do tempo e do silêncio" e "Lamentações para as vítimas de Hiroshima" (1960); "Salmo eletrônico" (1961); "Stabat Mater" e "Polymorphia" (1962); "Sonata para violoncelo e orquestra" (1964); "Paixão segundo São Lucas" (1965); "Os Demônios de Ludum" ópera (1970) etc.

Para o futuro, nada menos do que dois grandes projetos em gestação; para 1991 a Ópera de Munique encomendou-lhe sua quarta ópera, baseada no UBU-REI de Jarry; quanto a Peter Schaffer, este transmitiu-lhe os direitos autorais de AMADEUS para a criação de uma ópera.

ROLAND GREUTTER - Violino

Nascido em 1957, Roland Greutter estudou violino com Sandor Vegh no Mozarteum de Salzburgo. A seguir aperfeiçoou-se na Juilliard School em Nova York com Ivan Galamian e Felix Galimir e teve também aulas de música de câmara com o Quarteto Juilliard.

Entre os inúmeros prêmios recebidos em concursos internacionais, podemos citar o Concurso Wieniawski da Juilliard School e o Concurso Internacional dos Artistas de Nova York. Teve sua primeira atuação como solista aos 14 anos por ocasião das semanas Mozart em Salzburgo. Desde então apresenta-se regularmente no Festival "Marlboro" de Rudolf Serkin, no "Festival delle Nazioni" na Itália, no "Bunka Kaikan" de Toquio, etc.

É spalla da "Norddeutschen Rundfunks" desde 1982.

2.ª feira, 18 de setembro às 21 horas

1197

D. Shostakovich (1906-1975)

Sinfonia n.º 9 em Mi bemol maior, Op. 70

Allegro

Moderato

Presto — Largo — Allegretto

K. Penderecki (1933-)

Polymorpha

Intervalo

P. I. Tchaikovsky (1840-1893)

Sinfonia n.º 5 em Mi menor, Op. 64

Adagio — Allegro con anima

Andante cantabile con alcuna licenza

Allegro moderato

Andante maestoso — Allegro vivace

Por favor, desligue o alarme sonoro de seu relógio digital.

3.^a feira, 19 de setembro às 21 horas

K. Penderecki (1933-)

Adagietto

J. Sibelius (1865-1957)

Concerto para violino e orquestra, em Re menor,
Op. 47

Allegro moderato

Adagio di molto

Allegro ma non tanto

Solista: Roland Greutter

Intervalo

A. Dvorak (1841-1904)

Sinfonia n.º 8 em Sol maior, Op. 88

Allegro con brio

Adagio

Allegretto grazioso

Allegro ma non troppo

Não é permitido gravar ou fotografar na sala de espetáculos.

Próximas apresentações: 10 e 11 de outubro
Orquestra Sinfônica do Estado da URSS
Regente: Evgeni Svetlanov

DMITRI SHOSTAKOVICH

A posição assumida por Shostakovich exemplifica bem os dilemas do artista de nosso século que, por vontade própria, serviu-se da música como forma de engajamento político. Além de utilizá-la enquanto veículo para a extroversão dos seus próprios sentimentos, esforçou-se para que ela refletisse os movimentos de uma sociedade que pretendia estar "no caminho da construção do socialismo". E foi assim que o compositor elaborou uma produção que, por um prisma, é soviética no que ela possui de compromisso com os acontecimentos do momento, vistos sob uma ótica marxista, e que, por outro prisma, é russa no que tem de culto a uma rica tradição e de gosto da evocação de certos estados anímicos, feita com fortes cores e um esmerado artesanato.

O enorme ciclo sinfônico de Shostakovich reúne quinze partituras escritas entre 1925 e 1972. Vistas de longe, essas sinfonias podem dar a impressão de ser apenas obras acadêmicas inspiradas, por um lado, nas partituras congêneres de Tchaikovsky e Prokofiev e, por outro, nas de autores pós-românticos como Mahler. Entretanto, quando são abordados de mais perto, revelam uma inesperada riqueza de idéias no remanejamento de arquétipos tradicionais, que concretizam, através de pesados gestos de uma retórica peculiar, uma expressividade que só pode mesmo ser chamada de sincera. Somando-se a isso a generosidade melódica, a verve rítmica, a acidez astuciosa da harmonia e, acima de tudo, o tratamento eficaz e imaginoso do aparato orquestral poder-se-á chegar ao por quê do fascínio que elas costumam exercer sobre o público.

A **Sinfonia n.º 9, em mi bemol maior, op. 70** foi ouvida pela primeira vez em novembro de 1945. Esperava-se que o compositor, a exemplo do que ele próprio havia feito em relação ao cerco de Leningrado, com a sua Sétima Sinfonia, comemorasse aí o final da Segunda Guerra com muita grandiosidade. Ele, contudo, parece ter preferido outro caminho: o de condensar em meia hora de música melancolia, ironia e alegria brutal. Onde Stalin provavelmente esperava encontrar a sua própria apoteose, percebeu o sorriso sardônico de um artista invulgar. Vivendo entre 1906 e 1975, Shostakovich foi, hoje já podemos perceber, um dos grandes músicos de seu tempo.

PIOTR ILYITCH TCHAIKOVSKY

Tchaikovsky, que viveu entre 1840 e 1893, foi um dos compositores russos que melhor soube absorver as influências estrangeiras, realizando, assim, uma música de caráter a um só tempo nacionalista e cosmopolita. Eterno apaixonado pela ópera e pela dança, conseguiu incorporar elementos desses dois domínios até mesmo em sua produção puramente instrumental. Decorre em parte disso o tom dramático (melodramático, diriam os mais drásticos) de sua obra sinfônica, marcada que esta está por fortes alternâncias dos mais variados climas expressivos e de insinuações coreográficas. Mais de dez anos separam a Quinta Sinfonia da sua irmã, a Quarta. Durante esse período, Tchaikovsky compôs óperas, concertos e outras peças para orquestra. A nova sinfonia, ouvida pela primeira vez em 1888, não foi bem acolhida nem pelo público nem pela crítica, caindo por alguns anos em relativo esquecimento, logo depois da estréia. O próprio compositor, talvez levando em conta o fracasso inicial da carreira da partitura, acabou por ter dela uma visão bastante pessimista, chegando a declarar a Nadejda von Meck, sua protetora: "Convenci-me de que esta sinfonia é malsucedida. Há algo de repulsivo nela, um certo excesso de ostentação, de insinceridade, de artificialidade. E o público instintivamente reconhece isso". Tais palavras podem ser colocadas na conta da costumeira insegurança do autor. A posteridade se encarregaria de fazer dela uma das mais queridas do compositor. A Quinta Sinfonia possui estrutura tradicional, fora o fato de contar com um tema-divisa, espécie de lema ou mote sonoro, portador de uma significação extramusical, aqui, o de "Destino". Se, estruturalmente, há quem ainda faça certas ressalvas à obra, ninguém pode deixar de notar nela a presença de algumas das melhores qualidades de Tchaikovsky, de um gênio que pode ser bem mais percebido naquilo que ele mesmo chamava de "idéia lírica", a arrebatadoramente bela melodia encerrada em si mesma, que confere à sua música um permanente enlevo. Seus amplos arcos melódicos, de notável eloquência e forte impacto emocional, são aqui colocados sobre poderosas harmonias concretizadas por meio de ricos recursos orquestrais.

KRZYSZTOF PENDERECKI

Penderecki nasceu em Debica, na Polônia, em 1933. Definiu-se, certa vez, como “um comunista católico”. Seu nome ganhou repentina projeção em 1959, quando três obras suas obtiveram os primeiros prêmios de um concurso nacional. Ele tinha 25 anos. Logo em seguida, passou a ser conhecido internacionalmente, graças à inclusão de obras suas em festivais de música de vanguarda.

Caso raro no domínio da música mais radical e inventiva, Penderecki conseguiu atingir o grande público com partituras como **Trenos pelas vítimas de Hiroshima**, uma lamentação para cinquenta e duas cordas solistas tratadas de maneira original, e **Paixão Segundo São Lucas**, um vasto oratório que assume, como pontos cardeais, as estéticas antagônicas de Bach e Schoenberg. Essa característica, a de escrever música de comunicação direta utilizando os meios mais avançados de escritura vocal e instrumental, coloca a arte de Penderecki no centro de uma acirrada discussão, ainda hoje.

Do início de sua carreira até a primeira metade da década de 1960, Penderecki elaborou obras ousadas, sobretudo no que tange à exploração de efeitos sonoros inauditos. **Polymorphia**, de 1962, para quarenta e oito instrumentos de cordas solistas, é um belo exemplo dessa fase. A partir de 1965, Penderecki voltou-se para o passado, buscando aí certos elementos que conferissem à sua linguagem uma dimensão atemporal. **Utrenja**, de 1970, deve muito da sua expressividade aos velhos cantos religiosos ortodoxos aí incrustados. Durante a década de 1980, o compositor vem deixando que o universo pós-romântico de Bruckner e Mahler, com os seus consequentes desdobramentos expressionistas de Berg e Schoenberg, irriguem partituras que, às vezes, surpreendem por sua aura marcadamente tonal. **Adagietto**, obra recente, reflete bem essa nova “maneira” de Penderecki.

ANTONIN DVORAK

Já se disse que o checo Dvorak (1841-1904) teria sido uma espécie de Brahms meridional. Com essa fórmula, desejou-se lembrar que, em pleno período romântico, ele havia conseguido preservar a clareza das formas clássicas, assim como o seu modelo Brahms. Mas, diferentemente desse artista proveniente do norte da Alemanha, Dvorak encontrou na música folclórica da Europa Central, onde nasceu, o forte calor com o qual elevou a temperatura emocional do seu discurso. Dvorak foi um grande melodista e também um notável orquestrador; é com o fantástico colorido da sua imaginação sonora que ele costuma seduzir seus ouvintes.

Dvorak escreveu ao todo nove sinfonias — por coincidência, o mesmo número deixado por Beethoven, Bruckner e Mahler. Elas se espalham por um amplo período da carreira do compositor, começando por uma obra em dó menor, de 1865, conhecida como “Os Sinos de Zlonice”, e finalizando pela célebre Sinfonia “do Novo Mundo”, ouvida pela primeira vez em Nova York, em dezembro de 1893. As quatro partituras iniciais do ciclo nunca foram muito executadas com o compositor em vida — e, até hoje, permanecem em relativo ostracismo. Não sem razão: obras da juventude, não mostram o autor em plena posse de sua imaginação criadora. As outras cinco são bem mais divulgadas, sobretudo as três últimas, peças importantes do repertório das grandes orquestras do mundo inteiro.

Dvorak alterou frequentemente a numeração de opus de suas composições, principalmente por causa do seu editor, Simrock, que costumava publicar antigas partituras do mestre como se fossem novas, a fim de lucrar mais com elas. Dessa maneira, as sinfonias que hoje conhecemos como as de números 5 (opus 76), 6 (opus 60), 7 (opus 70), 8 (opus 88) e 9 (opus 95) foram publicadas inicialmente como números 3, 1, 4 e 5, respectivamente. A Oitava Sinfonia de Dvorak é, sem dúvida, uma das mais belas do ciclo — a tonalidade básica escolhida confere a ela um clima frequentemente leve, transparente. Sua organização é bem pensada; entretanto, a abundância de melodias envolventes é o que aí mais se destaca, carregando o ouvinte no seu doce turbilhão.

JEAN SIBELIUS

Escrevendo obras a partir de modelos deixados pelo Romantismo tardio das últimas décadas do século passado, Sibelius (1865-1957) saiu-se da crise da tonalidade a seu modo. Revigorou os modelos formais da tradição, injetando-lhes vida nova através de processos que, se, por um lado, não foram grandemente revolucionários, foram, por outro lado, bastante pessoais. Pondo-se à margem das atormentadas correntes estéticas que abalaram profundamente a música ocidental nas duas primeiras décadas de nosso século, Sibelius dá a impressão, hoje, de ter-se colocado como que fora do tempo. E a trajetória descrita por sua obra acaba por ser a explicitação do isolamento ao qual se submeteu esse artista que foi capaz de afirmar: "Em minhas composições jamais me prendi a nenhuma escola ou identifiquei-me com alguma tendência muito definida. Quando se vive tanto tempo quanto eu e se viu nascer, florescer e passar uma orientação musical após outra, é-se levado a adotar diante delas uma posição menos concreta. Busca-se o que é bom, onde se possa encontrá-lo".

Esse finlandês que René Leibowitz chamou de "o pior compositor do mundo" e que Cecil Grey definiu como "o maior sinfonista depois de Beethoven" deixou obra copiosa que inclui vários poemas sinfônicos, sete sinfonias, uma centena de canções e cerca de cento e vinte obras para piano, entre outras. Compositor fértil, copioso, praticamente deixou de escrever música a partir de 1929. Seu **Concerto para violino e orquestra em ré menor, op. 47**, o único concerto de grande formato do autor, foi composto em 1903 e revisto dois anos depois. Trata-se de uma obra típica do estilo do início da maturidade do autor, revelando o caráter fantasioso e rapsódico da invenção, a espontaneidade das linhas melódicas entregues ao solista, e a discrição de uma orquestração cuidada, destinada a proporcionar um diáfano pano de fundo sonoro para as evoluções do solista. Como várias outras obras de Sibelius, o **Concerto** é todo ele organizado em meias tintas, fugindo assim da eloquência, tão comum de ser encontrada em partituras do gênero, assinadas por outras mãos.

Notas:

J. Jota de Moraes



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**